

O PODER DO COSTUME

Os costumes dos povos continuam na moda, são os notáveis hábitos consagrados pela Tradição.

O uso está para o italiapolitano como a menstruação está para a mulher. A tradição harmoniza as partes do nosso todo.

Senão vejamos.

A autora do "Nossa Terra Nossas Raízes", a Sra. Nancy Hauers, se refere a um exemplo claro do costume quando fala da 'Rua dos Amaros', atualmente Av. dos Amaros.

O que acontece quando alguém pergunta --- aonde mora o fulano? Onde fica a casa do sicrano? As respostas são em regra as mesmas. Por aqui um simples pedido de informação, sobre uma rua, acaba virando um bom bate-papo.

Ah! O fulano? Agora está morando perto do Posto do Armentano, logo ali ao lado. Fácil de achar, pergunte no Posto. O sicrano? Mudou-se! Está morando bem em frente ao bar do Brólho, o 'risca-faca' da zona.

Os italiapolitanos desconheciam nomes de ruas e muito menos o número dos imóveis e parece-nos que a coisa continua ainda hoje.

Numa dessas tardinhas ouvimos um diálogo digno de nota. Três senhoras desciam por uma rua. Uma delas, com alguma dificuldade, leu a placa com o nome da rua. Imediatamente, a outra, ao lado, retrucou --- quem foi esse bosta? A mais velha dentre elas completou --- um biscateiro de marca maior!

Como já nos referimos no dropes A Navalha Italiana, as ruas tinham 'donos', como por exemplo, a Rua do Padre (Tarallo), a Rua dos Amaros (donde residia a Dona Maria Jerônima Soares, fundadora da cidade), a rua do Nenê Cavalhierí (proprietário da serraria) e assim por diante.

Na verdade, na segunda metade do Século passado, com a 'explosão demográfica' filha da fruta laranja, continuamos a não guardar nomes de vias e muito menos o endereço de ninguém.

Os nomes de ruas, singelas lembranças dos nossos 'vultos históricos', os números indicadores das casas, mesmo quando os bairros os conservam, não são procurados.

Ser um nome de rua, praticamente, nada significa. A busca se faz às cegas, batendo palmas nesta ou naquela casa, enfrentando a cachorrada barulhenta.

A nomenclatura de rua em Italiápolis não obedece a critério. Vai como Deus quer. Residimos no Jardim São

Francisco e o bairro é todo indicado com nomes de flores quando deveria ser com nomes de pássaros. Nunca vimos na história religiosa nenhuma alusão de que o São Francisco fosse chegado às flores.

Voltemos às nossas idéias sobre a força dos costumes.

Ora, "seria muita pretensão do nosso Prefeito Valentim Gentil, neste ano de 1.935, tirar dos Amaros o título de 'donos' de uma rua que nasceu com eles". O ato do Prefeito foi nulo, não aceito pelo povo que passou a chamar, aquela tira de terra, de Av. dos Amaros. E tome lá papudo!

Essa de "a Prefeitura esqueceu-se de trocar as placas dos respectivos nomes", não passa de uma critica sem graça. O Nobre Vereador, o Dr. Marinho, com o seu jeito de baiano ilustrado disse-nos ainda ontem, em plena Pharmácia do Joviniano --- o que significa uma ou duas placas frente à autoridade dos Amaros?...

Há muitos locais impregnados de divertidas curiosidades, não apenas em nosso Município, mas em todos cujos batismos remontam à fundação.

Italiápolis é rica em 'pontos turísticos' quando acompanhados de narrativas. As criaturas que sabem viver, os vivem e se encantam. Apenas para citarmos alguns, o Córrego da Caetana, o Tanquinho, a Estrada do Rumo, a Rua do Capa Preta, a Estrada de Nova América, a Ponte Antonio Rosa, o Queimador de Café do Breviglieri e tantos outros.

A Tradição é uma constante e constante é a verdade. Aos descendentes cabe a crítica, o aplauso, o bom senso e principalmente o obvio: o humano vive o seu tempo numa redoma de santo, portanto, não nos iludamos.

“Rua Independência, a rua que passa pela frente da casa do Snr. José Celestino”, diz Paes Leme Junior em nota de rodapé, p. 341, já em 1.938. O 'dono', o José Celestino, apenas deixou de ser um referencial, cedendo-o ao Sr. José Trevisan que por ali passou e deixou rastros.

Nome de rua é um 'Referencial de Galileu' que substituímos com o passar das gerações, um índice do livro da vida dos grupos sociais. Costumes são costumes.

Em Italiápolis, a Rua Barão do Rio Branco é uma das mais antigas e chamava-se Rua 13 de Junho. Vasculhamos 'pra burro' para descobrir a razão dessa data e principalmente do motivo que levou o povo nomear, com o '13 de Junho', uma rua importante, ao lado da Igreja.

Em 1.908 ainda figurava como '13 de Junho' e somente cedeu o seu lugar para o Barão do Rio Branco em 1.926, quando “casar na igreja virou moda”. Eis o significado dessa tal data, casar na igreja.

Faria algum sentido para você? Não? Naturalmente que não! Temos uma chamada “Rua Boiadeira” por onde nunca passou um boi, quanto mais uma boiada!